



Estudos Anterianos

11
12

Sumário

Como eu conheci Antero de Quental

— *Tomás de Mello Breyner* 5

O Avô Thomaz

— *Maria Andresen de Sousa* 11

O Meu Avô Thomas de Mello Breyner

— *Sophia de Mello Breyner Andresen* 15

Nirvana 19

Antero

— *Cristóvão de Aguiar* 22

Antero de Quental: do federalismo ibérico

à «Revista Ocidental» — *Ana Maria Almeida Martins* 25

José Rodrigues Miguéis, Antero e a crise chamada Portugal

— *Onésimo Teotónio Almeida* 43

Antero de Quental: Entre contradições e esquecimento

— *Jerónimo Pizarro Jaramillo* 55

Verdade e Justiça no Reformismo positivista de Manuel de Arriaga

— *Magda Eugénia da Costa Carvalho* 73

A cidade e as praias – Ramalho Ortigão, um escritor saudável e actual

— *Henrique Garcia Pereira* 89

Arquivo 101

Antero de Quental

— *J. P. Oliveira Martins* 103

Garrett, Antero, Pessoa

— *David Mourão-Ferreira* 107

A cidade e as praias – Ramalho Ortigão, um escritor saudável e actual

Henrique Garcia Pereira

O Nascimento de uma Paixão

«A Holanda», de Ramalho Ortigão, foi o objecto da minha primeira 'recensão crítica', num 'trabalho para casa' da disciplina de Português. Desde o (antigo) quarto ano do Liceu, fiquei assim a admirar a admiração que o escritor revelava pelo 'espírito industrioso e tenaz' dos habitantes dos Países Baixos (e pela democracia que 'reinava' nas Sete Províncias de *Orange*).

Talvez possa dizer agora que a minha 'vocação' de engenheiro, centrada no 'gosto de fazer coisas', foi despertada por essa longínqua escreteira 'crítica' de «A Holanda», em que 'vi', pela pena de Ramalho, a aplicação da ciência do século XIX – que, de resto, se aproximava muito daquela que me ensinavam na adolescência – à edificação de um país 'roubado ao mar', à construção dos seus diques e *polders*, ao desenvolvimento de uma pujante indústria naval. De resto, é revelador de uma clara aposta nessa 'ciência moderna' (que ia despontando no seu tempo) o modo como Ramalho graceja à volta da perseguição (ridícula e ineficaz) do "Sr. D. João VI ao grande naturalista Humboldt, proibindo-o de entrar no Brasil" ⁽¹⁾.

E à medida que o meu 'carácter' literário se formava pelo uso desmedido de leituras desconstruídas, a minha afinidade com o Ramalho ia crescendo, ao mesmo tempo que a rejeição *in limine* do Eça ia tomando corpo. Na esteira de Montaigne ⁽²⁾, e em contra-corrente com todo o *establishment*, não tinha pejo nenhum em abandonar a meio a intriga de um Eça qualquer ⁽³⁾, em favor da minha paixão pelas longas e desconexas descrições de Ramalho Ortigão, onde surgia, *avant la lettre*, um 'estilo' a que viria a chamar 'texto extensão' ⁽⁴⁾.

(1) cf. Ramalho Ortigão, 1943, p. 188.

(2) Que dizia com simplicidade: "Se um livro me aborrece, pego noutro".

(3) E nesta atitude radical, sinto-me em boa companhia com Pessoa, que ridicularizou a preocupação "em ser civilizado" que Eça demonstrava, considerando o nosso pretensão cosmopolita como o "exemplo mais flagrante do provincianismo português". E sobre a sua tão propalada ironia, o nosso poeta marginal produziu este demolidor juízo: "As suas tentativas de ironia aterram não só pelo grau de falência, senão também pela inconsciência dela." (Pessoa, 1980, p. 161).

(4) cf. Pereira, 2002, p. 77.

Quando, mais tarde, me pus a pergunta sacramental “porque é que uns de nós são sensíveis a Marx e outros a Bakunin?”⁽⁵⁾ – levantando a questão que também inquietava Musil –, lembrei-me da antinomia Ramalho/Eça que nascera para mim com aquelas primeiras leituras da geração de 70. De uma análise superficial da questão de Musil, concluí rapidamente que cada indivíduo só ‘pega’ verdadeiramente em pouco mais do que uma ‘meia dúzia’ de temas, que o perseguem a vida toda e que “tocam numa zona central da existência em que se decide a razão de ser das coisas, e que é ocupada por aquilo que é verdadeiramente importante para cada um de nós”⁽⁶⁾. E, de novo com Montaigne⁽⁷⁾, apurei adicionalmente que ‘cada um de nós’ gosta de ver, nos seus ‘autores de estimação’, o eco desses temas, que de resto não podem ser ‘explicados’ nem pela economia, nem pela educação, nem pela cultura, **mas pela estranha ‘motivação’ de que fala Musil no «Homem sem qualidades»**. E assim gostei de verificar que a questão de Musil era também aflorada em Ramalho, firmemente apoiado em Spinoza (outro dos meus ‘autores de estimação’), quando escreve: “Os meus últimos meses de solidão em Lisboa acabam de demonstrar-me que é Spinoza afinal que tem razão. Há um determinismo mental de que ninguém se liberta. Ninguém tem pensamentos exclusivamente próprios. Ninguém pensa o que quer”⁽⁸⁾.”

Uma aproximação ao *mind/body problem* através do conceito de cidade-praia

90

Sentindo-me fortemente atraído pelas fervilhantes tertúlias dos Cafés de Lisboa – que alimentavam o meu espírito –, mas também pelo mar, sol e praia – que faziam exultar o meu corpo –, sempre me incomodou uma espécie de aguda dualidade cartesiana que reinava entre os meus companheiros de geração: ou A ou B, quem é pela cidade é contra as actividades ao ar livre, quem gosta da cultura não gosta de nadar, quem lê não se bronzeia, quem pensa detesta a praia. Havia assim duas sub-espécies totalmente disjuntas de *babyboomers*: os enfezados ‘intelectuais de esquerda’⁽⁹⁾, dados à leitura na escuridão⁽¹⁰⁾ e à

⁽⁵⁾ cf. Pereira, 2004, p. 111.

⁽⁶⁾ cf. Coelho, 1995, p. 201.

⁽⁷⁾ Que escreveu que nunca lemos um certo autor para formar uma opinião, mas para encontrar no livro alheio a nossa própria opinião, formada há muito.

⁽⁸⁾ cf. Ramalho Ortigão, 1946 b, p. 198.

⁽⁹⁾ Nunca esquecerei a figura débil do meu amigo surrealista António José Forte, arrastado à *contre-coeur* para uma praia do Algarve: a cambalear como um velho legionário no deserto, esgueirava-se pelas parcas sombras do meio-dia, tentando debalde proteger com a mão em pala os seus cansados olhos de coruja (Cf. Pereira, 2000, p. 47).

⁽¹⁰⁾ Já os ‘gregos’ preferiam Perséfone, a terrível deusa das profundezas da terra, ao insignificante Helios (com uma honrosa e significativa excepção: Aristónico e a sua utopia da cidade solar, prometida aos escravos da Ásia Menor, cf. Finley, 1977, p. 281). E, a partir desses gregos que se entregavam à *melancholia*, abate-se sobre o ‘pensamento ocidental’ o poder sedutor da obscuridade, organizando-o sob o signo de Saturno.



Ramalho Ortigão



metafísica colectiva, e os incipientes pré-surfistas desse tempo, que prezavam exclusivamente a energia individualista das sensações elementares trazidas ao corpo pelo contacto luminoso com a areia aquecida pelo Sol e pelo mergulho vivificante na bravia água do mar (e se a primeira das sub-espécies ignorava olímpicamente a segunda, esta hostilizava abertamente o campo dos *babyboomers* partidários das leituras ⁽¹¹⁾).

Acreditando com a maior das convicções que 'uma coisa não exclui a outra' e que o 'jogo não é de soma nula', constituiu para mim uma agradável surpresa a leitura de «As praias de Portugal», onde o Ramalho conseguiu a acrobacia de produzir uma obra onde – por entre uma plethora dos 'assuntos' mais diversos – se consuma, para mim, a 'unidade dos contrários' que já os latinos desejavam ("*Nihil in intellectu quod non erat in sensu*"). De facto, sem menosprezar o *apport* cultural e espiritual da cidade (e encontrando mesmo em Lisboa algumas 'realizações tecnológicas' entusiasmantes, como "o Aterro, com as suas altas e esguias chaminés empenachadas de fumo, o gasómetro, a oficina de serração a vapor" ⁽¹²⁾, Ramalho Ortigão, "com a sua saúde física e alegria muscular" ⁽¹³⁾, percorre incansavelmente as praias da nossa costa (do extremo Norte ao quase Sul), exaltando com veemência as virtudes do

⁽¹¹⁾ Ainda hoje, quem gosta como eu de ler à *l'extérieur* – nas esplanadas, na praia, na piscina – não pode deixar de sentir uma fortíssima atitude agressiva por parte daqueles que estão nesses locais 'para se divertirem'. De facto, a putativa disrupção causada na paisagem por um leitor atento (que não se limita a folhear distraidamente uma revista) é tomada como grave violação das 'normas standard' vigentes em tais locais, e o poder simbólico associado à leitura é objecto de uma violenta oposição (com alguns contornos de uma estranha ambivalência). Assim, "para ludibriar a vigilância dos defensores do lúdico consentido que pululam nas paragens do mar, sol e praia – as quais quero continuar a associar aos prazeres da escreitura –, passei a dissimular os instrumentos do meu mister (livro, 'caderninho', canetas) num anódino saco de plástico que faz as vezes do *nécessaire* em fins de semana de outros prazeres" (cf. Pereira, 2002, p. 34).

⁽¹²⁾ cf. Ramalho Ortigão, 2002, p. 95. E se Eça afirma que a ciência era para Ramalho "a sua preocupação, o seu fim, o seu vício, a sua força", Maria Filomena Mónica considera "uma última maldade" este elogio a Ramalho (Mónica, 2001, p. 87).

⁽¹³⁾ cf. «Ramalho Ortigão, o seu exemplo e sua obra» por Augusto de Castro, in Ramalho Ortigão, 1944 a, p. XVI. Esta 'característica' de Ramalho – que eu aprecio sem qualquer *parti pris* (não percebo por que é que um intelectual não possa ser 'saudável') – é satanicamente demonizada em Valente, 1990, p. 65, onde no texto «Desventuras de um autodidacta» surge o seguinte *lead*: "O homem tinha aberta e agressivamente o culto da higiene, da saúde e da força". Também Maria Filomena Mónica, conjecturando sobre a trama de 'invejas' recíprocas que crê encontrar nas relações Eça vs. Ramalho, não deixa de referir com uma mordacidade inconsequente esta 'faceta' do segundo, pela boca do primeiro: "possui duas qualidades eminentes (...): não é bacharel e tem saúde" (Mónica, 2001, p. 85). O que é facto é que Ramalho acompanhou Eça na sua última viagem de Paris à Suíça, em demanda dessa saúde que faltava ao amigo e que ele não lhe podia emprestar (nem aos "Vencidos, que estavam todos mais ou menos combalidos das entranhas", como anuncia numa carta a Eduardo Prado de 1890, cf. Berrini, 2003, p. 288).

banho de mar, tanto para “as crianças fraquinhas, para as mulheres débeis, fatigadas”, como para “as grossas constituições linfáticas (14)”.

Em «As Farpas» (15), por entre os episódios urbanos mais pitorescos, surgem referências elegíacas ao mar como “um grande médico, um grande conselheiro, um grande amigo” e à praia como “um culto onde se pratica uma religião, onde todas as mães se deveriam devotar fervorosamente durante alguns meses do ano ao futuro, que não é mais do que a compleição, o temperamento, a energia e o vigor dos seus filhos” (16). E, num tom irónico que contrasta vivamente com o registo anterior, levanta a possibilidade da utilização prática, em benefício da cidade, do “denodo dos nadadores de Pedrouços para dar reboque às chocolateiras de rodas que o Sr. Frederico Burnay traz em fervura entre Belém e o Cais do Sodré” (17).

Surge assim esboçado no contexto literário do nosso século XIX um conceito que me é caro hoje: o novo conceito de cidade-praia, de que Lisboa (18) é um exemplo (com Málaga, Cagliari, Palermo, Atenas....). Estas cidades desenvolvem-se em oposição ao ‘campo’, ao longo do litoral, contendo em si (ou nos seus preciosos subúrbios costeiros) a própria praia, o que adiciona uma dimensão nova ao urbano (19). Reconcilia-se assim a *polis* com o mar, conseguindo-se uma saborosa sinergia entre o sombrio/dissoluto Café da cidade e a luminosa/salutar Esplanada da praia. E, inesperadamente, encontrei em Ramalho uma forma singular desta sinergia quando ele escreve: “Paço de Arcos tem um hotel habitável – o do Bugio –, e um clube em cujo salão há *soirées* aos sábados (...). Senhoras espanholas a banhos nesses subúrbios são convocadas em cada semana a levarem aos sábados de Paço de Arcos o doce tributo da sua presença, da sua *toilette* e da sua expansiva vivacidade. Assim como de manhã se pergunta para o banho – «há maré?» – assim à noite se pergunta para o baile – «há espanholas? (20)».

(14) cf. Ramalho Ortigão, 1992, p. 56.

(15) Lidas hoje na Edição da Clássica Editora, depois de ter verificado cuidadosamente que aí não havia a mão do Eça, cotejando-a, a *contrario* e para o período de co-autoria, com a ‘versão’ de Maria Filomena Mónica, que contem um capítulo intitulado: “Excertos escritos por Eça de Queiroz em *As Farpas* de 1871-1872 (autoria segura)”. Na introdução a essa ‘versão’, a nossa zelosa queirosiana envolve-se de tal modo com Queiroz que é capaz de explicitar as suas mais recônditas *arrières pensées*: “O que ele não queria era ver os seus textos colados aos de Ramalho” (a propósito da recusa de Eça em co-assinar a edição Corazzi de 1886). E considera “mentira” a sua afirmação de que Ramalho é “um escritor superior” (Eça de Queiroz & Ramalho Ortigão, 2004, p. 2), afirmando que “Eça considerava que o melhor de Ramalho era obra sua” (Mónica, 2001, p. 85).

(16) cf. Ramalho Ortigão, 1944c, p. 234.

(17) cf. Ramalho Ortigão, 1946a, p. 15.

(18) Um amigo regressado de um frio e nebuloso exílio chamou-me a atenção para a pro-saica dádiva da Natureza que se podia desfrutar em Lisboa: “Ir dar um mergulho à Caparica quando nos apetecer, e voltar antes da hora do jantar”.

(19) Esta dimensão foi aflorada em Pereira, 2004, p. 254.

(20) cf. Ramalho Ortigão, 1992, p. 102-103.

Uma Extensividade Cambiante e Actual

“A falta de uma verdadeira estrutura ideológica” de que Ramalho é acusado ⁽²¹⁾ permite-lhe escrever livremente sobre qualquer assunto, saltar inopinadamente de um registo para outro, e alongar desmesuradamente o texto com os mais inesperados enxertos, prolongamentos e ‘considerações prévias’ (que, até numa *short story* como «Ele e ela» ⁽²²⁾, pontuam a sua escrita). Este estilo, dito “folhetinesco”, “jornalístico” ou “prolixo” pelos seus adversários, agrada-me sobremaneira pelo seu carácter ‘extensivo’ ⁽²³⁾, de uma estranha actualidade.

Ao ler Ramalho, não posso deixar de evocar as *assemblages* de Georges Perec, esse exegeta da multiplicidade contemporânea, com o seu gosto desabrido pela ‘enumeração’, por vezes de coisas tão prosaicas como colecções de *fiches-cuisine*, mas também de ‘sistemáticas’ de vertebrados à maneira de Lineu, de ‘listas’ à la Rabelais ou Júlio Verne, ... ⁽²⁴⁾. De um modo similar, nas 185 páginas de «As praias de Portugal» irrompem, lado a lado com o *vif du sujet*, as mais inoportunas observações irónicas, os mais diversos *faits divers*, as estatísticas mais variadas sobre tudo o que vem à cabeça do autor. Concretamente, proliferam no texto, logo que surge uma ‘entrada’ qualquer (ou mesmo sem precisar de ‘entrada’), longas listas de peixes, fragmentos da história de Portugal, análises químicas, registo de milagres, conselhos de saúde e normas de socorro aos afogados. Estes blocos de texto, abertos a um constante *updanting* pelo seu carácter aditivo, são os constituintes básicos da extensividade hibridizante de Ramalho, onde não cabe qualquer dicotomia. De facto, os layers que se vão sobrepondo nos textos do nosso autor – ligados pelos sucessivos *and*, *and*, *and*, com que Doris Lessing ⁽²⁵⁾ entendia o nosso tempo – são

⁽²¹⁾ cf. Saraiva & Lopes, s.d., p. 786.

⁽²²⁾ cf. Ramalho Ortigão, 2003. Neste conto curtíssimo que Luísa Costa Gomes desencantou, surge no seio do *plot* toda uma série de piruetas textuais, feitas de mudanças de tom, de apartes e parágrafos-parênteses, de ironias que roçam a *autodérision*, de súbitas (mas anunciadas) intercalações que hibridizam o sublime com o prosaico. Em paralelo com a diversidade dos conteúdos, encontro na escrita de Ramalho uma persistente auto-similitude fractal que é independente da ‘escala’ do texto.

⁽²³⁾ “Os parágrafos, e mesmo os pontos finais, não sincronizam com a minha disritmia, estão fora do meu mapa mental. Prefiro definitivamente as vírgulas que abrem outra cláusula, os parênteses que oferecem uma analogia (ou um oximoro), os travessões que explicam melhor uma ideia – ou fazem um ‘contraste’ –, as notas de rodapé que interrompem o fluir do texto para acrescentar qualquer coisa ou dar uma referência, e sobretudo, as orações subordinadas que permitem todos os ‘encaixes’ (Pereira, 2002, p. 81).

⁽²⁴⁾ Em Perec, 1985, encontra-se uma abundante ilustração desta ‘originalidade’ do membro do grupo de vanguarda OULIPO (*l’Ouvroir de Littérature Potentielle*), fundado nos anos 60 do século XX por ‘literatos’ e ‘cientistas’, e cujo objectivo é “*la recherche de formes, de structures nouvelles qui pourront être utilisées par les écrivains de la façon qui leur plaira*” (Burgelin, 1988).

⁽²⁵⁾ A velha militante desencantada escreve: “*Our experience, it seems to me, when you are living is: and, and, and. It’s never either/or*” (Lessing, 1994, p. 43).

apresentados “segundo a ordem das nossas percepções, em vez de começar a explicar as suas causas” (26).

Numa época em que a ‘esperança de vida’ era de quarenta anos, Ramalho viveu quase o dobro. E, ao longo da sua longa existência, foi assistindo a (e participando em) radicais mudanças no *Zeitgeist*, o que lhe valeu uma persistente acusação de incoerência, por parte dos seus (numerosos) detractores coevos e posteriores (com os seus coevos, podia Ramalho bem (27), com os posteriores posso eu (28)).

Na sua invejável longevidade cambiante sem sombra de qualquer essencialismo (29) reside mais uma faceta da actualidade de Ramalho. De facto, nos tempos de hoje (em que a nossa ‘esperança de vida’ atinge quase a idade com que Ramalho morreu, de charuto na boca (30)), a ‘deriva das identidades’ (31) como metáfora do Homem-que-muda-de-opinião (32) está comumente generalizada, depois de se ter dificilmente integrado na cultura humanística o paradigma da mecânica quântica que permite que uma coisa possa ser A e também B (e depois de termos visto coisas impensáveis há duas décadas).

(26) cf. Ginzburg, 2000, p. 34

(27) Por exemplo, numa farpa de 1871, escreve: “A crítica levantada em redor das *Farpas* acusa-as de prodigalizarem cortesias a El-Rei. Há por outro lado quem as suspeite de fazerem secretamente votos pela república. Ora as *Farpas* tomam a liberdade de declarar que não desejam ardentemente para si e para o seu país senão uma coisa, – que é juízo” (Ramalho Ortigão, 1945, p. 65).

(28) Por exemplo, quando Vasco Pulido Valente diz que Ramalho “tomava de página para página posições teóricas incongruentes ou contraditórias”, arrasando o “autodidacta” e enaltecendo “a necessidade prosaica de uma educação formal”, não posso deixar de me rir do elitismo ácido do ex-secretário de estado da direita, que se refugia numa máscara de *scholar* ‘especializado’ para disfarçar a sua inoperância cultural na execução prática da tarefa de “instruir os seus compatriotas”, o objectivo de que Ramalho é ‘acusado’, e que o acusador obviamente executou mal, ao ignorar, enquanto governante, as condições de vida dos seus governados (é tristemente famosa aquela grotesca entrevista à televisão em que sobreestimou grosseiramente o salário mínimo dos portugueses). Assim já se percebe porque é que o nosso inefável ‘cronista’ escarnece da porfia do “mestre-escola” em continuar com «As Farpas» depois de Eça partir para Cuba, conferindo-lhes “um pendor didáctico” (cf. Valente, 1990, p. 65-67).

(29) Como o que se encontra por exemplo na “evolução espiritual de Ramalho Ortigão”, vista por Amadeu Carvalho Homem. Para contrariar o “mito de um Ramalho relapso e vergonhosamente desertor da finalidade a valores democráticos primitivos, objecto de interpretações póstumas pouco abonatórias”, o autor constrói em Ramalho uma ‘carapaça’ conservadora, mantida inalterável durante todo o seu percurso intelectual, onde predomina “o permanente, o essencial, o imutável na estabilidade de modelos afectivos, de paradigmas comportamentais...” (Homem, 2000, p. 214).

(30) Augusto de Castro conta que em 17 de Setembro de 1915, quando Ramalho estava moribundo, o seu genro Eduardo Burnay lhe estendeu um charuto aceso. À exclamação do velho – “Eduardo, é a morte! –, o genro ripostou: “Qual morte, Ramalho! Não se morre a fumar!” (Ramalho Ortigão, 1944a, p. XXXVII).

(31) cf. Pereira, 2000, p. 82.

(32) Escutemos Walt Whitman, lido por Gérard Castello Lopes («Pública», 12.12.1999): “Contradigo-me? Muito bem, então contradigo-me (sou imenso, contenho multidões)”.

E para mudar de opinião, é preciso *curiosidade*, um traço de personalidade que um viajante empenhado ⁽³³⁾ como Ramalho não podia deixar de considerar como a maior das virtudes (mas que é denunciado vigorosamente por São Bernardo, porque leva a “que passemos de uma coisa para outra, em vez de meditar na lei divina” ⁽³⁴⁾, e também por Vasco Pulido Valente, porque leva “o autodidacta a ler tudo: química e filosofia, mecânica e teoria da educação, história e biologia, física e literatura” ⁽³⁵⁾).

Pondo em prática até ao fim da vida essa curiosidade ‘por tudo’ (as «Últimas Farpas» são de 1914), Ramalho escreve sobre a revolução republicana de 1910 citando Victor Hugo: “Meus senhores, tenho setenta-e-quatro anos e recomeço a minha carreira”⁽³⁶⁾. E assim foi cumprindo a promessa que fizera em 1872: “Enquanto em nosso espírito houver uma verdade que dizer e em nosso braço a força precisa para escrever essa verdade, *As Farpas* continuarão contigo, leitor honrado.” ⁽³⁷⁾

Coda

E já que comecei com recordações da adolescência e juventude, não quero terminar sem prestar mais uma homenagem a Ramalho, agora por me ter feito vir à mente um esquecido eco da minha infância ⁽³⁸⁾. A minha Avó – que se ocupava da minha ‘educação’ durante a ausência dos meus Pais – obrigava-me a ficar em casa a ‘tomar propósito’, misteriosa actividade que eu não conseguia entender (e que ela não me conseguia explicar, apesar das minhas insistentes perguntas: – Avó, mas o que é propósito?). Esta dúvida que esteve tantos anos adormecida no meu inconsciente só hoje foi elucidada pelo Ramalho, quando li este

⁽³³⁾ Por exemplo, numa carta a Joaquim Nabuco de 1887, Ramalho, anunciando “uma viagem de estudo ao Rio de Janeiro por 2 ou 3 meses”, pede ao amigo que lhe dê a conhecer “o elemento negro ou os elementos de qualquer cor da sociedade brasileira” (cf. Berrini, 2003, p. 281).

⁽³⁴⁾ cf. Ginzburg, 2000, p. 91.

⁽³⁵⁾ Num verdadeiro acto (ou será auto?) de fé interpretativo (ou será destrutivo?), põe-se assim em causa a “benevolência” de Eça, que “elogia o gosto de Ramalho pelas suas leituras enciclopédicas”, cf., Valente, 1990, p. 66. De resto, a sanha contra o excesso destas leituras surge também em *Homem*, 2000, p. 214, responsabilizando-as pela “transição do seu tradicionalismo originário para o seu republicanismo episódico”.

⁽³⁶⁾ cf. Ramalho Ortigão, 1946b, p. 8.

⁽³⁷⁾ cf. Ramalho Ortigão, 1945, p. 240.

⁽³⁸⁾ Posso assim agradecer a Ramalho o facto de nunca ter perdido a ‘memória episódica’ (autobiográfica), como aconteceu a Yambo, na obra mais aberta de Umberto Eco «La misteriosa fiamma della regina Loana» (Eco, 2004), em que o herói é incapaz de se lembrar de qualquer pormenor da sua vida passada, embora mantenha ardentemente ágil essa capacidade a que os neurologistas chamam ‘memória semântica’ (o que lhe permite recordar todas as façanhas de Júlio César e recitar de cor todas as poesias que aprendeu).



*Praia de Cascais,
1906, Carlos Reis,
Casa Museu Anastácio Gonçalves*



Praia das Maças, 1918, Malhoa - Museu do Chiado

esclarecimento “de pendor didáctico”: “*Tomar propósito* é uma locução essencialmente local e intraduzível, que quer dizer: aprender a não saber andar, a não saber rir, a estar quieto e a estar calado, a corromper os mais nobres instintos da natureza humana, finalmente a dissimular e a mentir” ⁽³⁹⁾. Ainda bem que nunca ‘tomei propósito’ ⁽⁴⁰⁾!

REFERÊNCIAS

- Berrini, B. (2003) *Brasil e Portugal: A geração de 70*, Campo das Letras, Lisboa
- Burgelin, C. (1988) *Georges Perec*, Seuil, Paris.
- Coelho, E.P. (1995) O Ensaio em Geral, *Colóquio Educação e Sociedade*, n.º 8/9, F. C. Gulbenkian, Lisboa.
- Eça de Queiroz, A. M. e Ramalho Ortigão, J. D. (2004) *As Farpas*, coordenação de Maria Filomena Mónica, Principia, Lisboa.
- Eco, U. (2004) *La misteriosa fiamma della regina Loana*, Bompiani, Milão.
- Finley, M. I. (1977) *Uso y abuso de la historia*, Critica, Barcelona.
- Ginzburg, C. (2000) *Ojazos de Madera*, Península, Barcelona.
- Homem, A.C. (2000) Razão e sentimento na evolução espiritual de Ramalho Ortigão, *Revista de História das Ideias*, Vol. 21, Coimbra.
- Lessing, D. (1994) *Shadows on the wall of the cave*, Centre for the Book, Londres.
- Mónica, M. F. (2001) *Eça de Queirós*, Quetzal, Lisboa.
- Perec, G. (1985) *Penser/classer*, Hachette, Paris.
- Pereira, H.G. (2000) *Arte Recombinatória*, Teorema, Lisboa.
- Pereira, H. G. (2002) *Elogio do hipertexto na deriva do texto*, Difel, Lisboa.
- Pereira, H. G. (2004) *A matéria de que são feitos os sonhos*, Teorema, Lisboa.
- Pessoa, F. (1980) *Textos de crítica e de intervenção*, Ática, Lisboa.
- Ramalho Ortigão, J. D. (1943) *As Farpas*, volume VI, Livraria Clássica Editora, Lisboa.

⁽³⁹⁾ cf. Ramalho Ortigão, 1944b, p. 248-248.

⁽⁴⁰⁾ E que também não tomou qualquer forma reverberante, na farpa anteriormente referida, a crítica reticente de Eça “quanto ao pendor didáctico que o amigo desejava conferir à publicação” (segundo Maria Filomena Mónica, in Eça de Queiroz & Ramalho Ortigão, 2004, p. 3).

Ramalho Ortigão, J. D. (1944a) *As Farpas*, volume I, Livraria Clássica Editora, Lisboa.

Ramalho Ortigão, J. D. (1944b) *As Farpas*, volume IX, Livraria Clássica Editora, Lisboa.

Ramalho Ortigão, J. D. (1944c) *As Farpas*, volume XI, Livraria Clássica Editora, Lisboa.

Ramalho Ortigão, J. D. (1945) *As Farpas*, volume XII, Livraria Clássica Editora, Lisboa.

Ramalho Ortigão, J. D. (1946a) *Farpas Esquecidas*, Livraria Clássica Editora, Lisboa.

Ramalho Ortigão, J. D. (1946b) *Últimas Farpas*, Livraria Clássica Editora, Lisboa.

Ramalho Ortigão, J. D. (2002) *As praias de Portugal*, Frenesi, Lisboa.

Ramalho Ortigão, J. D. (2003) *Ele e ela*, in *Ficções – Revista de Contos* n.º 8, www.ficcoes.net.

Saraiva, A. J., Lopes, O. (s.d.) *História da Literatura Portuguesa*, 3.ª Edição, Porto Editora.

Valente, V. P. (1990) *Às avessas*, Assírio & Alvim, Lisboa.